

## A Tipografia, o Jornal e um Tipógrafo-jornalista na cidade de Itiúba, Bahia.<sup>1</sup>

Andréa Cristiana SANTOS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ  
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.

### Resumo

Este artigo analisa a trajetória de José Diamantino de Assis e a instalação da tipografia na cidade de Itiúba, no sertão baiano. Analisa-se a produção jornalística, o universo de leitores e práticas de leituras a partir da chegada da tipografia e da circulação de *O Itiubense* no contexto de modernização da sociedade brasileira e expansão de uma cultura letrada e jornalística no interior do país. Como percurso metodológico, utilizamos uma abordagem da micro-história para analisar os textos jornalísticos como fragmentos, pistas menores, que permitem investigar os circuitos comunicativos. A análise comprovou aspectos da identidade jornalística e as tensões do fazer imprensa no interior do país, a relação entre a cultura escrita e as práticas de oralidade e os ideais de modernidade difundidos pela imprensa.

**Palavras-chave:** história do jornalismo; jornalismo; tipografia; memória.

Há quase quatro anos, procuro decifrar um arquivo pessoal composto por jornais produzidos pelo tipógrafo e jornalista José Diamantino de Assis na cidade de Juazeiro-BA. Filho do tipógrafo Olegário de Assis, ele se utilizou de uma prensa tipográfica para imprimir jornais satíricos, folhetos com composições musicais, periódicos esportivos e semanários informativos. De 1932 a 1969, José Diamantino de Assis viveu da produção de sua gráfica e dos jornais que produziu ao longo de 37 anos.

Tenho analisado esse arquivo como fragmentos que se dão a ler em busca desse homem de imprensa imerso nos processos de modernização da imprensa brasileira da metade do século XX. Roland Barthes considera que não é possível reconstituir toda uma história de vida de alguém, mas reconstituir traços parciais. Chamou isso de “biografemas” (BARTHES, 2006, p. 38). François Dossé (2009) afirma que os biografemas são uma possível arte da memória, uma evocação possível do outro que já não existe.

Como proposta para esse artigo, interessa-nos analisar os textos jornalísticos como fragmentos, detalhes, pistas menores, restos que, a priori, pareciam insignificantes, a fim de encontrar neles traços do tipógrafo-jornalista. Este tem sido o percurso metodológico

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Professora do curso de Comunicação Social, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro. E-mail: [andcsantos@uneb.br](mailto:andcsantos@uneb.br).

sugerido por Arlette Farge (2011) ao analisar os arquivos judiciais na França. Para a autora, o que poderia ser considerado ato falho, fragmentos parciais, podem evidenciar escritas de si e significados da vida pública e privada em um determinado espaço. Esses fragmentos nos permitem pensar as atividades simbólicas, a opinião manifestada por sujeitos comuns, as falas, os gestos.

Farge (2009) já tinha ressaltado a importância de se analisar os fragmentos a partir do arquivo como objeto de estudo. O arquivo age como um desnudamento de vidas, fragmento do tempo capturado, desvela textos, modos de falar, representações de si e dos outros, formas de sociabilidade. Por analogia, podemos tomar o jornal como arquivo, composto por fragmentos acerca de diversos acontecimentos do cotidiano e expressões do vivido, das ações de homens e mulheres.

Esse artigo pretende analisar uma parte desses fragmentos, especificamente a travessia de José Diamantino de Assis e sua prensa para a cidade de Itiúba, a 180 Km de Juazeiro. Em outubro de 1936, ele lançou *O Itiubense*. O jornal *O Éco* anunciou aos leitores juazeirenses que o confrade José Diamantino de Assis fora difundir o seu conhecimento na lida jornalística em terras sertanejas de Itiúba.

A nossa hipótese é que esse percurso na trajetória de José Diamantino de Assis está relacionado com uma identidade jornalística em construção no contexto de mudanças na imprensa brasileira, que passa a se difundir pelo país. Estão em jogo modos de enunciação para consolidar uma imagem de homem de imprensa, como veremos ao longo do artigo.

A partir de uma abordagem da micro-história, verificamos que a sua trajetória pode ser investigada a partir de uma redução do nível de análise da escala: do micro para o macro. Em uma pesquisa centrada na história dos processos de comunicação, a abordagem da micro-história pode evidenciar o circuito de comunicação que nos permite verificar os fluxos e as interações existentes entre práticas comunicativas, diante da própria modernização da imprensa e de dispositivos tecnológicos que influenciavam as concepções de mundo e os modos de existência dos sujeitos. Trata-se de analisar as relações que circunscrevem o sujeito em um tempo e espaço.

Algumas questões nos norteiam para desvendar essa trajetória. A decisão do tipógrafo de se aventurar para construir um empreendimento gráfico tem relação com a expansão de uma cultura letrada no sertão e o acesso aos bens de consumo cultural por meio da imprensa. A travessia pessoal nos coloca, então, uma questão de pesquisa na área de comunicação: a expansão de empreendimentos tipográficos no interior do país pode estar

relacionada com o processo de modernização da imprensa em curso, especificamente com a conquista de público e mudanças no formato e linguagem jornalística. O jornal não é apenas um bem de consumo de um público letrado localizado nos grandes centros, mas se torna acessível para camadas populares no interior do país.

No início do século XX, o sertão era caracterizado pela literatura brasileira como um lugar do atraso, de região inóspita, sujeita à estiagem prolongada e à miséria. Foi essa a imagem construída por literatos como Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*. Além disso, questões sociais como conflitos rurais e a prática do coronelismo ocupavam o debate público relacionado ao que se convencionou chamar de região Norte do país, e posteriormente região Nordeste.

Essa representação tem relação com o desenho geográfico e cultural que se desejou construir da nação. O historiador Durval Albuquerque (2001) problematiza o discurso encontrado na oposição Estados do Norte - como um território associado ao exótico, ao atraso social e econômico, às calamidades públicas provocadas pelos períodos de estiagem - aos Estados do Sul, caracterizados pela pujança da modernidade econômica e cultural. Para o autor, criou-se uma tradição de tomar o espaço de onde se fala como ponto de referência, de assimilar os seus costumes como nacionais e os das outras áreas como regionais. Nos anos 1930, uma corrente de literatos como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, a partir do Movimento Regionalista, construiu outros significados simbólicos sobre o sertão, no sentido de valorizar as origens de uma cultura popular nordestina.

Apesar da caracterização discursiva relacionada ao atraso, o sertão baiano não está isolado, como se convencionou pensar sobre a região. Existia um conjunto de práticas sociais e culturais que circulam nesse espaço geográfico, sendo difundidas pela imprensa, tanto a localizada em grandes centros, que chega a essa região via ferrovias, telégrafos e correios, como a produzida por tipógrafos e redatores de jornais nessas comunidades.

Assim, neste artigo, a trajetória de José Diamantino será utilizada como um fio condutor dos processos relacionados à expansão da imprensa no sertão, universo de leitores e práticas de leituras a partir da chegada da tipografia e da circulação do impresso.

### **Tipografias no sertão: ambiências da modernidade**

O final do século XIX marcou um processo de expansão de pequenos jornais no interior da Bahia, especificamente no sertão baiano, distante da capital, Salvador. Em 1897,

o tipógrafo, professor e jornalista João Antônio dos Santos Gumes lançou *A Penna*, na cidade de Caetité. Juazeiro, no norte da Bahia, também tinha lançado dois anos antes os periódicos *O Sertanejo* (1895) e *A Cidade de Joazeiro* (1896). O pioneirismo conferido a João Gumes se deve a ter sido considerado um intelectual, *homme de lettres*. Ele foi escritor, publicou livros e o periódico também teve uma longa periodicidade.

João Gumes pode ser tomado como referência desses homens de imprensa que viabilizaram circuitos comunicativos com outros tipógrafos e redatores no sertão baiano. Na sua tipografia, recebia exemplares de jornais da capital e de outras localidades do interior, como *Cidade de Joazeiro*, e promovia acesso aos livros. João Gumes acreditava que a imprensa levaria o progresso às regiões inóspitas do país (PIRES, 2015).

Quase 30 anos depois, na década de 1930, o pensamento de João Gumes ainda era compartilhado por outros tipógrafos e jornalistas como José Diamantino de Assis. Com apropriações diferentes, usos e especificidades de uma cultura letrada, esses homens da imprensa são fomentadores de ideais republicanos e de modernização associados ao progresso e civilização que foram difundidos nas grandes cidades do país no início do século, como a capital federal (SEVCENKO, 1983). Esses ideais passaram a constituir o imaginário das pessoas comuns localizadas em lugares mais afastados do centro do país.

O discurso de modernização esteve muito presente na criação de instituições sociais que buscam fomentar uma estrutura de sentidos para a crença na racionalidade e nos valores da liberdade, mesmo que fossem regiões marcadamente dominadas por forças políticas conservadoras como o coronelismo.

Essas transformações podem ser entendidas como constituição de uma outra referência de espaço e temporalidade. Para Hans Ulrich Gumbrecht (1998) essas mudanças foram sendo operacionalizadas pelos sujeitos a partir de sentidos, o que ele chamou de cascatas de modernidade. O deslocamento do sujeito rumo à modernidade possibilitou o homem ver a si ocupando o papel do sujeito da produção do saber, de quem observa o mundo exterior, mediante o qual lê e interpreta o mundo dos objetos.

A construção de uma subjetividade moderna tem relação com as transformações das formas comunicativas que afetaram substancialmente outros subsistemas sociais. Uma dessas transformações se deu a partir do surgimento da imprensa e pela substituição do manuscrito pela impressão de livros que, por si, produziu um deslocamento pertencente ao que se denominou como transcrição da vida cotidiana. Analisando as mudanças produzidas pelo livro impresso, Gumbrecht afirma que todo “meio de comunicação novo em si mesmo

transforma a mentalidade coletiva, imprimindo-se na relação que as pessoas mantêm com seus corpos, com sua consciência e suas ações” (1998, p. 71).

A expansão da imprensa permitiu a constituição de uma subjetividade que se tornaria uma das estruturas mentais da modernidade e que envolveu a produção, recepção dos textos e a construção do autor moderno. As práticas de modernização foram se inserindo na vida cotidiana das cidades, provocando mudanças na subjetividade, percepções e sentidos das pessoas nas suas práticas sociais e culturais.

Marshall Berman (1986) se refere à modernidade como um conjunto de experiências que possibilitou a construção de um ambiente que prometia aventura, alegria, poder, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em si. Embora, ao mesmo tempo, introduza pensamento de desintegração e mudanças, de ambiguidades e contradições, devido a percepção de aceleração do tempo, Berman ressalta que um aspecto relevante desse processo de modernização foi o surgimento de um novo indivíduo, que ousa individualizar-se e desenvolver habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, autoimposição, autoafirmação e autolibertação. É um indivíduo com prazer e disposição para recriar tudo, o espaço e os modos de representação do mundo. Esse sujeito é um fomentador, capaz de reunir recursos materiais, técnicos e espirituais, a fim de transformar as novas estruturas da vida social.

A cidade se tornou um *locus* privilegiado no qual se processavam as transformações e no qual os sujeitos passavam a usufruir dos ideais de civilização e progresso como símbolos da modernidade. José Diamantino de Assis é um dos artífices dessa travessia a uma cultura moderna no sertão, como defendemos nesse artigo.

### **A tipografia e o jornal como símbolos do moderno**

A vila de Itiúba tinha se emancipado do município de Queimadas, no sertão baiano, em 18 de janeiro de 1935 e contava com uma recente estrutura política, com prefeitura e câmaras municipais. A cidade tinha três mil habitantes na zona urbana e cerca de 14 mil nos distritos circunvizinhos<sup>3</sup>. No memorial entregue ao governador Juracy Magalhães dois anos antes da emancipação, comerciantes, fazendeiros, farmacêuticos, médicos, trabalhadores dos ofícios manuais, chamados de artistas, afirmavam que a cidade tinha condições

---

<sup>3</sup> Dados populacionais e caracterização social do município foram encontrados em um documento-memorial entregue ao governador Juracy Magalhães, em 1933, para requerer a emancipação do município. Acervo Pessoal de Juracy Magalhães disponível no Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas.

materiais e humanas para se emancipar do distrito de Queimadas. Tinha uma boa arrecadação de impostos provenientes do comércio e das fazendas agrícolas, que exportavam gêneros alimentícios para a capital e outras cidades. Um agrupamento de 400 casas, dois sobrados, armazéns, depósitos, clube filarmônico, farmácias e uma escola com 150 alunos matriculados. A cidade dispunha de uma estação da Ferrovia Leste Brasileira, no curso da linha ferroviária Salvador – Juazeiro, interligando o sertão à capital do Estado.

Mas faltavam uma tipografia e um jornal na cidade. Ela chega na sua versão mais simples e artesanal, é uma caixa de tipos, com componedor e movida manualmente. Com a prensa, José Diamantino de Assis imprimiu folhetos, boletos para o comércio, recibos e impressos. A gráfica também vendia jornais e revistas, como *Fon Fon*, *Cinearte* e *O Malho*, editadas na capital federal, no Rio de Janeiro.

Com quatro páginas, *O Itiubense* começou a circular em novembro de 1936 e trazia a epígrafe “Semanário independente, noticioso e literário”. O jornal publicava desde os acontecimentos políticos e as articulações do governador Juracy Magalhães para a sucessão presidencial de Getúlio Vargas, isso antes de ser implantado o Estado Novo<sup>4</sup>, até os informes de agências internacionais sobre a segunda guerra mundial.

O leitor também tinha acesso às notícias sobre acontecimentos nas regiões circunvizinhas, desde as tocaias e mortes de bandos de sertanejos que invadiam fazendas, o que ficou conhecido como banditismo social, aos informes de legislação aprovada na Câmara Municipal à coluna social e efemérides (datas comemorativas, eventos familiares, felicitações de aniversário e núpcias). O jornal também explorava as discussões políticas relacionadas à gestão municipal e ao debate no legislativo, o que se infere que, para os agentes políticos, era importante ter uma tribuna para expor as disputas pelo poder local.

A maioria das edições não traz imagem fotográfica, mas ilustrações, alguns clichês de políticos como o governador Juracy Magalhães e o prefeito municipal, e caricaturas de populares. José Diamantino de Assis assinava como proprietário e Augusto Cerqueira como diretor. Augusto era farmacêutico, mas ocupou a função de tesoureiro da prefeitura municipal e era agente de um dos principais anunciantes do jornal, Empresa Construtora Universal LTDA, com vendas de apólice para construção da casa própria. Também havia anúncios do comércio varejista e companhias de seguro na terceira página do jornal. O

---

<sup>4</sup> Implantado em 10 de novembro de 1937, regime político durou até 29 de outubro de 1945, marcado pelo centralismo político e autoritarismo. Com o golpe de Estado, as eleições marcadas para janeiro de 1938 foram suspensas.

semanário tinha assinantes na comunidade e nas cidades de Queimadas, Senhor do Bonfim e Santa Luzia<sup>5</sup>.

A impressão do jornal revela a sua característica artesanal, os textos apresentam caracteres pequenos, com espaçamento muito curto entre as linhas, o que dificultava a leitura. Podemos encontrar gêneros jornalísticos como crônicas sobre hábitos citadinos, o texto opinativo com análise do cenário político, notícias, poemas, literatura de cordel e coluna com colaboradores locais e da imprensa nacional, como Austregésilo de Athayde, jornalista, articulista e um dos diretores de *Diário da Noite*, editado na capital federal. Os textos escritos pelo tipógrafo e jornalista foram assinados com a abreviatura de JODIAS – José Diamantino de Assis. Alguns textos com crônicas e sátiras locais são assinados por AZ Preto.

Podemos questionar sobre a materialidade do jornal, formato, linguagem e a especificidade do acontecimento jornalístico em *O Itiubense*. Uma característica são as marcas da cultura letrada e de práticas de oralidade no periódico. O jornal assumia características formais de um impresso informativo, mas explorava aspectos da cultura popular, o humor, a reprodução de anedotas e dialetos locais. Isso poderia ser uma estratégia para atrair leitores de diversos segmentos, alguns que sabiam ler e outros que tinham acesso ao periódico pela cultura oral e contada por outrem.

Alguns fragmentos de textos jornalísticos nos permitem conhecer quem são os possíveis leitores. Em uma de suas crônicas, José Diamantino de Assis narra a surpresa de um dos “pés de serra”, como chamavam as pessoas que viviam na zona rural, que visitou a oficina gráfica para conhecer a prensa tipográfica, enquanto o tipógrafo compunha o jornal. Ele conta que o “caipira” entrou na oficina, “admirado, sorrindo entre os dentes, remexeu e olhou os papéis, a máquina e chegando na caixeta de tipos, perguntou ao tipógrafo: ‘*O senhô a cuma compra a grosa dessa miusaia toda?*’”<sup>6</sup>

O tipógrafo conta que “explodiu em risos” pelo espanto do caipira com as peças da caixa de tipos e começou a operação de compor a última folha, colocando cada tipo em uma sequência para compor o texto. O “pé de serra” acompanhou toda a composição da folha. José Diamantino de Assis, Jodias, narra: “O caipira arregalou os olhos miúdos e a cada movimento meu, ele fazia uma careta e sorria satisfeito, sem dúvida gozando aquela vitória de ter visto o moço ‘trabaiando na foia’ para contar depois aos seus camaradas lá na fazenda, como o Coronel que foi ao Rio e viu o Catete, o Pão de Açúcar, o mar”.

---

<sup>5</sup> Atualmente, município Santaluz, cujo topônimo foi alterado em 1943.

<sup>6</sup> O Itiubense, 17/01/1937.

O morador da zona rural, trabalhador da fazenda que não domina formalmente a cultura letrada, talvez não fosse o leitor preferencial e assinante do jornal, já que o analfabetismo predominava na região. Porém, ele não é ignorado como interlocutor nem como possível leitor. O jornal poderia ser lido por letrados e compartilhado oralmente – por ouvir dizer e/ou lido em voz alta. A linguagem popular tinha uma riqueza de expressões que eram compartilhadas no circuito comunicativo da cidade.

Essa crônica coloca em cena algumas simbologias relacionadas à prensa tipográfica. A gráfica é o lugar da novidade, a marca do moderno na cidade. É o local também de encontros, de construção de redes de sociabilidade, as pessoas conversavam com o redator, encontravam amigos, contavam causos, anedotas e liam o jornal. O tipógrafo, inclusive, publicou uma pequena nota, esclarecendo que estava proibida a leitura do periódico dentro da gráfica, antes de concluir toda a impressão.

A crônica também traz indícios do universo de possíveis leitores e de práticas de leituras que circulam na comunidade. José Diamantino de Assis conta que costumava recolher muitas anedotas e contação de histórias dos moradores. Ele tinha a intenção de escrever um livro com essas curiosidades, mas foi dissuadido de realizá-lo porque poderia estar sujeito a algum tipo de perseguição. Com isso, podemos questionar: como produzir um jornal para um público acostumado, no seu cotidiano, com a linguagem oral mais livre de possíveis enquadramentos formais associados a uma cultura escrita? Para solucionar esse questionamento, José Diamantino se aventurou a explorar tanto um jornalismo que procurava abordar questões que visavam educar os cidadãos, assim como o entretenimento, publicando textos que se propõem a divertir o leitor.

Era preciso difundir novidades e criar hábitos de consumo para a leitura do jornal a partir da difusão de notícias interessantes para a população. Existia também a intenção de formar esse novo cidadão para acolher algumas práticas sociais consideradas modernas em curso na comunidade. Dois anos de conquistada a emancipação, a cidade queria deixar de ser comparada a um arraial. A população presenciava as obras do novo prédio da prefeitura, a remodelação da igreja e a construção de uma nova sede para a escola da comunidade. Notícias no jornal anunciavam a criação de um novo código de postura para tornar o ambiente disciplinado e condizente com o espírito cidadão.

Poucos são os relatos que narram a circulação de jornais em pequenas cidades do país no início do século XX. Mas os impressos foram produzidos em todo o território como parte de um circuito de expansão da cultura escrita, ou das “cidades das letras”, como



denomina Ángel Rama (2015). O ensaísta uruguaio considera que, nos países latino-americanos, as cidades se organizaram a partir de códigos que privilegiaram a escrita em oposição à cultura oral, a língua falada. Herança da colonização ibérica, as cidades se organizam por meio da escrita para dar ordem ao convívio citadino. Aos escrivães, reservava-se a missão de redigir “a escritura, a *dar fé*, que só podia se realizar pela palavra escrita em oposição à palavra falada, pertencente ao reino do inseguro” (RAMA, 2015, p.27).

Mais adiante, são os homens de letras, administradores, professores, escritores, intelectuais, servidores do Estado que vão inserindo as cidades em signos e códigos que procuram difundir ideais civilizatórios. Com o processo de modernização das cidades e a expansão da imprensa, tipografias se instalavam nas cidades, publicavam livros, panfletos e jornais. O domínio das letras surgia como uma possibilidade de “ascensão social, respeitabilidade e incorporação aos centros de poder”, como se refere Rama. Escritores poderiam ser repórteres, vender artigos para jornais, compor músicas. É, no corpo dessa cidade moderna, que surgem “mitos” que associam a figura do jornalista como alguém que pode “denunciar as injustiças e as arbitrariedades dos poderosos”, defende Rama (2015, p 73).

Nesse ambiente de uma cidade modernizada, o jornalista é alguém que tentará formar a opinião e influenciar comportamentos e hábitos. É o que podemos perceber na travessia de José Diamantino de Assis, que vai se apropriar da escrita para difundir um conjunto de ideias associadas ao moderno. Nos textos opinativos, ele defendeu planejamento urbanístico da cidade, com melhor ordenamento das casas para que a cidade pudesse ostentar uma aparência agradável aos habitantes e visitantes. Ele também vai orientar o comportamento da população para cumprir regras de boa convivência nos espaços públicos. José Diamantino de Assis se coloca como esse agente capaz de introduzir novas configurações do sujeito. Nesse processo, a imprensa ocupa um lugar de centralidade e o jornal procurou difundir traços culturais da modernidade.

Esses novos hábitos culturais também coincidiam com a interação com outros meios de comunicação como o cinema e o rádio. A cidade teve acesso ao impresso no mesmo período em que se instalara o Cine Ideal, onde eram exibidos filmes para a população local. Para divertimento da população havia o clube da filarmônica e uma banda. A cidade ainda não tinha um teatro, mas companhias de circo eram responsáveis por difundir a arte teatral

pelo sertões<sup>7</sup>. Novidades como aparelhos radiofônicos atraíram a atenção da população que se reunia em frente à casa dos três únicos moradores que tinham um aparelho para ouvir as notícias da guerra mundial e as novidades vindas da capital. O aparelho radiofônico era colocado na frente das casas para acesso de todos, como noticiou o redator de *O Itiubense*.

Tudo isso significava modos de apropriação de acesso à uma cultura de massa – ainda incipiente - e a presença de mediadores que vão usar de um certo poder simbólico para influenciar comportamentos. José Diamantino de Assis escreveu a coluna Ecran, alusão à tela que faz a projeção de imagens fixas ou animadas no cinema, para incentivar hábitos culturais tidos como moderno.

Qual a especificidade de escolher a opinião como a linguagem preferencial do impresso? José Diamantino de Assis vinha de uma experiência de escrever um jornal satírico na cidade de Juazeiro, com o qual disputava simbolicamente um lugar social entre outros colegas jornalistas que produziam jornais na cidade. A sátira o permitiu tornar público as visões de grupos sociais populares que, até então, não tinham um veículo que fornecesse entretenimento. A sátira também o protegia para não se expor publicamente, embora, por diversas situações, tenha sido acusado de produzir um jornal imoral. Se o jornal satírico poderia passar a imagem de um jornalista irreverente, crítico, com *O Itiubense* uma outra imagem pública estava em processo: um ideal de “jornalismo como missão” para esclarecer e educar a população. Ele também ocupava um lugar de distinção social, uma vez que era responsável por publicar o único impresso da cidade. Por isso, privilegiou a informação e a opinião ao invés da sátira.

Inquietava, principalmente, ao tipógrafo-jornalista a falta de um planejamento urbano na cidade, principalmente a estética das construções arquitetônicas. As casas eram simples, sem nenhum valor estético, segundo a sua avaliação. Faltava-lhe adereços como platibandas e o correto alinhamento nas ruas. Então, ele decidiu convocar os cidadãos a adotar uma nova estética no padrão de construção das casas:

“Appelamos para as pessoas em boas condições financeiras de tomarem a perto o problema das construções novas ou mesmo reconstruções dentro da esthetica moderna, pois a Itiúba de hoje necessita estar em condições de emparelhar-se com as vilas e cidades adiantadas, acabando com o seu antigo feitio de arraial”.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Tese de Reginaldo Carvalho da Silva (2014) demonstra o circuito de arte promovido pelas companhias de circo no início do século XX em regiões do interior do país, como a Bahia. Demonstra-se transito entre a arte teatral circense francesa que se expande pelo país a partir das companhias de circo. Fazia-se teatro, arte no circo.

<sup>8</sup> *Itiubense*, 4/4/1937.

Ele chamava a atenção para que todos adotassem o novo código de postura, que deveria ter a participação dos “municípios conscienciosos” a ajudar o poder público a normatizar desde um projeto arquitetônico às regras de convivência como a circulação de animais nas ruas, entre outros aspectos. Podemos imaginar a população com as suas pequenas casas, de aparência simples, sendo incentivada a seguir um padrão de construção associado a um determinado poder econômico. Não devemos ignorar que havia anúncios de uma construtora que vendia apólice para a construção de casa própria. O jornal é também uma indústria, publica opinião e publicidade também.

Uma questão chave para compreender a prática jornalística de Jose Diamantino de Assis é saber como ele se apropriou de aspectos da cultura de massa, ainda incipiente, como o cinema. Na coluna Ecran, ele registrou as suas observações sobre o cotidiano da cidade, desde casos pitorescos à uma crítica social. A escolha do nome da coluna não é aleatória. Ele adorava cinema e escreveu textos que demonstram essa paixão pela sétima arte. A cidade também carecia de locais para divertimento público. O cinema seria uma das atrações mais interessantes para a população, de acordo com o tipógrafo, mas o empreendimento enfrentava dificuldades.

Pensado como um negócio que poderia dar lucro, empreendedores adquiriram o cinematógrafo e exibiam filmes. Mas enfrentavam dificuldades com a pequena presença de público. Para José Diamantino de Assis não era possível compreender como o único cinema da cidade estava há dias sem funcionar. Ele narra:

“há dias que o cinema local (vejam só: é a única diversão da terra) está sem funcionar por falta de frequência. Esta semana, ainda alimentando uma esperança de vê-lo com as suas funções, fui procurar o seu encarregado, o Sr. Antônio Motta, e este afirmou-me que, positivamente, não mais haveria espectadores. Desiludido, cumpre-me agora culpar o povo desta villa pelo descaso pelas cousas tendentes ao seu progresso.”<sup>9</sup>

Para Jose Diamantino, o proprietário do cinema tinha um “espírito empreendedor e muita boa vontade para servir a sua terra”. Contudo, as pessoas pareciam não reconhecer os esforços abnegados para fomentar um ambiente de cultura e prosperidade. E chega a questionar: “Então prefere mesmo esse povo que a sua terra fique como um deserto de Sahara?”. Essa atitude de desprezo com o cinema não era compreensível para ele, pois o “espírito precisa de divertir-se, de expandir-se pelo menos uma vez por semana, não ficando

---

<sup>9</sup> *Itiubense*, 14/03/37.

somente a vegetar num canto ou com a imaginação repleta de cálculos comerciais”. Como solução para resolver a interrupção da exibição cinematográfica, ele sugeriu que fosse arrendado o cinematógrafo para quem quisesse investir no empreendimento.

O apelo do tipógrafo deu certo. O cinema foi arrendado pelo clube filarmônico da cidade e voltaria a exhibir sessões. O novo proprietário solicitava que todos deveriam adquirir o ingresso. Não seria permitido o acesso gratuito. Podemos inferir, então, que nem todos tinham dinheiro e o pequeno negócio no segmento de entretenimento poderia não trazer bons lucros.

Além da questão financeira, o espaço público do cinema exigia novos hábitos e costumes, que alguns não seguiam. As pessoas costumavam levar pequenos animais, cachorros, para o cinema. Em uma pequena nota, o tipógrafo recomendava que deveria se evitar esse hábito provinciano e não condizentes com a sala de exibição. Em uma crônica escrita na década de 1920, Graciliano Ramos reprovou comportamento similar dos moradores de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Ele relata que as pessoas exibiam atitudes não condizente com a imagem de modernidade que a cidade desejava ostentar. Segundo Graciliano, mal a sala ficava escura, a “plateia emitia ruídos estrondosos, ria, gargalhava, urrava, dava patadas nos bancos” (SALLA, 2015). Um comportamento nada “civilizado”.

Assim como aconteceu com o cinema, ao levar a sua tipografia para se instalar na cidade de Itiúba, José Diamantino de Assis imaginava que o empreendimento seria um sucesso e uma fonte de renda estável. Contudo, lidava-se com problemas estruturantes da pequena empresa jornalística, como conquistar assinantes e garantir a sobrevivência econômica. Além disso, a distribuição para as cidades circunvizinhas dependia dos Correios, e nem sempre o jornal chegava ao destino em boas condições. Chegava, às vezes, amarrotado e danificado, como comentou no periódico.

Para falar das desventuras de fazer jornalismo no sertão, ele escreveu que ninguém podia saber o dissabor de confeccionar um semanário ao gosto do público. Em tom de lamento, escreveu: “Não se compreendem, sequer fazem ideia do esforço e do trabalho que se depreende para fazer um jornal à mão. E quanto é doloroso se ouvir de pessoas retrógradas: ‘mas que jornal chato, não tem nada o que se ler e outras heresias mais’”<sup>10</sup>.

Afirmava que, para imprimir um jornal, lutava-se contra todos os infortúnios, desde a cobrança de uma assinatura que porventura fosse errada, pois o leitor se sentia ofendido por cobrarem duas vezes e não aceitava as desculpas pelo engano. Se o redator publicasse

---

<sup>10</sup> *Itiubense*, 6 de Junho de 1937.

uma sessão destinada ao público feminino com perfil e elogio às senhoritas da cidade, recebia recriminações. “Mas que há de fazer”?, interrogava ao leitor. Como ainda mantinha o desejo de publicar o jornal, restava-lhe uma esperança: “(...) há de se esperar mais dessas mentalidades. Todos os cidadãos deveriam procurar ajudar a engradecer a terra que tem lhes servido de mãe carinhosa”.

As dificuldades variavam da falta de recursos técnicos para melhoramento do maquinário, compra do papel e a falta de subvenções financeiras do poder público. Em uma de suas colunas, o redator defendeu que a Câmara e a Prefeitura Municipal deveriam aprovar uma subvenção para manutenção do jornal por meio de verba para publicações oficiais, “a fim de que possa se manter em sua circulação tanto que tem pugnado pelo interesses da communa”.

Ele relatou a dificuldade de obter rendimento estável com a venda e declarou: “ (...) ninguém ignora que as rendas de um jornal do interior sem o amparo da boa vontade municipal é ‘café pequeno’ para a sua manutenção”. Mesmos sem a subvenção, José Diamantino de Assis continuou produzindo o jornal ao longo do ano de 1937. Não sabemos qual foi a última edição. O arquivo, onde estão os seus jornais, só nos permite vê-lo outra vez em cena como jornalista na década de 1940, quando publicou os periódicos *O Sertão*, *Esporte* e *A Tribuna do Povo* na cidade de Juazeiro.

### **Considerações**

As narrativas jornalísticas presentes em *O Itiubense* apresentam algumas características relevantes do fazer jornalístico de um tipógrafo-jornalista no interior do país. Como já estivera presente no jornal satírico, verificamos a existência de marcas da oralidade e da cultura popular na composição do jornal, seja na escolha do que seria notícia, na cultura do povo manifestada nos causos e anedotas populares, seja na incorporação de uma linguagem mais próxima de uma cultura oral. No mesmo folheto, pode-se ler gêneros jornalísticos informativos como notas, notícias e textos opinativos, mas também cordel, anedotas, fragmentos de versos populares. A linguagem é simples, acessível, técnica que o jornalismo brasileiro já incorporava na década de 1930, mesmo sem a normatização do *lead*, que seria adotado na década de 1950.

Quem escreve não é um intelectual, o profissional com linguagem rebuscada, mas o sujeito comum que tem conhecimento da língua portuguesa, da estrutura de um texto jornalístico e para quem se destina a mensagem. Ele também faz uso e apropriações da

linguagem jornalística conforme a cultura letrada a que teve acesso. José Diamantino de Assis é um leitor de jornais e consome bens culturais de uma cultura de massa que começou a se espalhar pelo país, como telespectador de cinema e/ou receptor de notícias e de entretenimento veiculado pelo rádio. Porém, ocupa um lugar distinto. Ele não é um receptor passivo, é um mediador que se coloca como homem de imprensa.

Tenho problematizado a trajetória comunicacional de José Diamantino de Assis como um mediador, capaz de exercer a função de mediação entre diferentes contextos, estilos de vida e experiências, transitando entre grupos e domínios sociais, difundindo práticas e valores de uma dada cultura. Nessas situações, o exercício da mediação permite estabelecer práticas comunicativas e possibilidades de gerar mecanismos sociais de prestígio e honra social, como afirma o antropólogo Gilberto Velho (2001, p 20).

Nas sociedades caracterizadas por processos de heterogeneidade social, diferenciação e desigualdade sociocultural, essas pessoas são capazes de mobilizar projetos individuais que podem possibilitar a construção de identidades singulares e podem ser agentes de transformação (VELHO, 2001, p 27). Nesse momento de transição de uma sociedade brasileira, ainda marcada pelo universo rural, mas prenhe de transformações sociais por cidadãos de pensamento liberal, José Diamantino de Assis utiliza das condições materiais de que dispõe, o saber técnico das artes dos ofícios para construir uma outra identidade para si: a de homem de imprensa no sertão baiano.

Essa identidade o permitiu ocupar um lugar social de distinção em uma sociedade marcada por desigualdades sociais. Por um lado, temos negociantes, fazendeiros, coronéis, médicos, e por outro lado uma profusão de trabalhadores liberais e homens que querem construir outras condições materiais de existência e de fonte de renda. A prensa tipográfica fez nascer, junto com um circuito comunicativo de redatores e leitores de jornais, o homem de imprensa, que desejava imprimir periódicos.

Agnes Heller (2008) nos faz refletir sobre as condições pelas quais os homens fazem a sua própria história. Retomando a célebre frase de Marx de que os homens aspiram a certos fins mas estes estão determinados pelas circunstâncias, Heller defende que não se deve jamais entender a circunstância como totalidade de objetos mortos nem mesmo meios de produção. A circunstância é resultante da unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento. Nesse processo, o homem, ou a essência humana, é “a realização gradual e contínua das *possibilidades* imanentes a humanidade, ao gênero humano”, como afirma Heller (p.15). É na construção da vida cotidiana e nas possibilidades que se permite

viver que o homem constrói uma identidade para si. É na vida cotidiana, como diz a autora, que os sujeitos se permitem explorar as possibilidades para colocar em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias.

Assim, percorrendo os rastros, explorando os indícios e os fragmentos encontrados na documentação, essa travessia de José Diamantino de Assis pode evidenciar um percurso identitário como homem de imprensa que ele desejou construir para si, criando outras “possibilidades” de existência e de distinção social, a partir do desejo de tornar a imprensa uma instituição de referência para o mundo social. Isso, provavelmente, não seria possível se a imprensa também não passasse por um processo de modernização, popularização e ampliação do seu público, disseminando-se por todo o país.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. Recife: FNJ. Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 2001.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Vozes. 2013.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Portugal: Edições 1970, 2006.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DOSSÉ, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FARGE, Arlette. **Lugares para História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo, Ed. 34, 1998.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PIRES, Maria de Fátima. **Hommes de Lettres na Corte do Sertão: João Gumes e a escrita social**. In: Revista Veredas da História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano IV. Ed 2, 2011.
- RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- SALLA, Thiago Mía. O cinema em quatro momentos da produção cronística de Graciliano Ramos. In: **Rumores**, Brasil, v. 5, n. 9, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51233>>. Acesso em: 15 Jul. 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SILVA, Reginaldo Carvalho. **Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no interior da Bahia, Brasil, na primeira metade do século XX**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16083/1/tese\\_reginaldo\\_carvalho\\_volume1\\_PDF\\_brasil.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16083/1/tese_reginaldo_carvalho_volume1_PDF_brasil.pdf). Acesso em 12 Maio.2015.
- VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 13-28.